

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (1994- 2019): um olhar sob o protagonismo social das mulheres e a mediação da informação

THE SCIENTIFIC PRODUCTION OF NATIONAL RESEARCH MEETINGS IN INFORMATION SCIENCE (1994-2019): a look at the social protagonism of women and the mediation of information

 *Maria Cristiana Félix Luciano*¹

 *Gisele Rocha Côrtes*²

 *Aurekelly Rodrigues da Silva*³

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atua como Bibliotecária na UFPB.

E-mail: cristiana2012.felix@gmail.com

² Doutora em Sociologia (UNESP/Araraquara). Professora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB.


E-mail: giselerochacortes@gmail.com

³ Doutoranda e mestra em Ciência da Informação pelo Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/ UFPB). Arquivista (UFPB).

E-mail: aurekelly@educa.joaopessoa.pb.gov.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: As autoras declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 31 maio 2023.

Aceito em: 8 jun. 2023.

Publicado em: 31 jul. 2023.

Como citar este artigo:

LUCIANO, Maria Cristiana Félix; CÔRTEES, Gisele Rocha; SILVA, Aurekelly Rodrigues da. A produção científica dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (1994-2019): um olhar sob o protagonismo social das mulheres e a mediação da informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 203-221, jul. 2023. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v8iesp.2023.90661.203-221.



RESUMO

Este estudo objetiva analisar o protagonismo social da produção científica sobre mulheres, gênero e feminismo, publicada nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, entre 1994 e 2019. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, cujo corpus foi composto de 58 trabalhos, analisados por meio da técnica de cientometria. Nele, os resultados mostram que há incipiência na produção científica sobre mulheres, gênero e feminismo na CI, porém houve um avanço na última década. Ademais também se constatou que os trabalhos analisados foram produzidos por 76 pesquisadoras (es), cuja maioria é composta de mulheres. As (os) autoras (es) são de vinte instituições diferentes, e os GTs 3, 7, 10 e 11 foram os que mais apresentaram trabalhos sobre os temas analisados, por conseguinte as mulheres são consideradas protagonistas sociais por demonstrarem, em seus trabalhos, a importância de visibilizar conteúdos informacionais atinentes a mulheres, gênero e feminismo, com vistas a gerar novos conhecimentos pautados na equidade de gênero.

Palavras-chave: protagonismo social; mulheres; mediação da informação; feminismo; gênero.

ABSTRACT

The study aims to analyze the social protagonism of women through scientific production on women, gender and feminism, published in the annals of the National Research Meeting in Information Science, between 1994 and 2019. Methodologically, it is a bibliographical, exploratory and descriptive research, with a qualitative approach. The corpus was composed of 58 works, analyzed using the scientometric technique. The results show that there is incipient scientific production on women, gender and feminism in IC, however, there has been progress in the last decade. It notes that the works analyzed were produced by 76 researchers, most of whom are women. The author(s) are from twenty different institutions and GTs 3, 7, 10 and 11 were the ones that most presented works on the analyzed themes. It considers that women are considered social protagonists because they demonstrate, in their work, the importance of making visible informational content related to women, gender and feminism, with a view to generating new knowledge based on gender equity.

Keywords: social protagonism; women; mediation of information; feminism; gender.

1 INTRODUÇÃO

Para discorrer sobre a produção científica e o protagonismo social das mulheres na ciência é primordial refletir sobre a cultura de exclusão de gênero que reflete, fruto das relações de poder, que dificultam o acesso das mulheres à ciência.

As relações de poder entre homens e mulheres, alicerçadas em esquemas hegemônicos de gênero, refletem diretamente na exclusão das mulheres em diversas instâncias sociais, em que a ciência é uma delas.

De acordo com Sandra Harding (1993), em geral, as teorias científicas tradicionais não foram fundamentadas nas experiências tampouco nos problemas ou necessidades das mulheres. As teorias existentes procuraram resolver os problemas criados e pensados pelos homens no âmbito de uma sociedade patriarcal.

A professora Gilda Olinto (2011), referência do assunto no campo da Ciência da Informação (CI), pontua que as mulheres deparam-se com preconceitos e discriminações de gênero que obstaculizam sua ascensão profissional na atividade científica.

Na última década, houve ascensão da participação das mulheres em diversas áreas da educação, mas elas continuam a se deparar com desigualdades no tocante à área de conhecimento e à ascensão na carreira científica.

Essas desigualdades não ocorrem de forma semelhante com todas as cientistas, haja vista a imbricação entre sexismo e racismo, que dinamiza a exclusão e a inclusão de formas diferenciadas. Segundo a autora bell hooks¹ (2015), as mulheres negras, como grupo, enfrentaram e ainda enfrentam a opressão racista, machista e classista em diferentes setores da sociedade, uma vez que estão coletivamente em posições subalternizadas no mercado de trabalho e na sociedade. Ao refletir sobre o racismo e a atividade científica das mulheres negras, as pesquisadoras Joselina Silva e Maria Euclides (2018, p. 55) asseveram “[...] que a universidade é um dos espaços onde não caberiam os(as) negros(as)², uma vez que cultural e historicamente há todo um mito fundante na sociedade ocidental que atribui aos negros a falta de capacidade intelectual e de desempenho.”

Ao considerar que o protagonismo social representa, essencialmente, ações de resistência contra qualquer tipo de opressão, rejeição discriminação, desrespeito e negação ao diferente (GOMES, 2019), acreditamos que estudar a produção científica sobre mulheres, no âmbito da CI, possibilita-nos analisar como a área, composta majoritariamente de mulheres, tem dinamizado conteúdos informacionais sobre questões pertinentes a essas agentes, evidenciando, dessa forma, o protagonismo social das mulheres na produção da ciência, na perspectiva de visibilizá-las nesse campo e contribuir para desconstruir esquemas hegemônicos de gênero.

Assim, tendo em vista esse cenário, questiona-se: Como se dá o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’, nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência

¹ bell hooks nasceu Gloria Jean Watkins. Adotou o nome artístico em homenagem à bisavó. A escritora usava bell hooks em minúsculo como forma de enfatizar, segundo ela, "substância de seus livros, não quem eu sou" Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bell-hooks-e-as-miudezas-que-importam/>.

² Optamos por usar a linguagem inclusiva neste trabalho, colocando o feminino primeiro, e depois, o masculino, como uma medida auto afirmativa para enfatizar e da visibilidade as mulheres.

da Informação (ANCIB) de 1994 a 2019? Como objetivo geral, a pesquisa analisou o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre os termos ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’, nos anais do ENANCIB, entre 1994 e 2019. Para tanto, objetivou-se, especificamente, mapear as(os) pesquisadoras(es) e sua vinculação institucional, os quais abordam sobre os temas e apresentar os GTs a que as produções sobre gênero, mulher e feminismo foram apresentadas.³

Conforme Aurekelly Silva e Gisele Côrtes (2020), produzir e visibilizar a presença e a inserção temática dos estudos de gênero no âmbito da Ciência da Informação contribui para o protagonismo social das mulheres e a realização de novas pesquisas e reflexões com vistas à inclusão social das mulheres no campo científico e na sociedade.

2 PROTAGONISMO SOCIAL E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Empregado em diferentes campos da ação social, o conceito de protagonismo trata de lutas por igualdade de direitos, com significados pedagógicos e políticos. Na visão do professor Edmir Perroti (2017), o protagonismo é um ato de resistência e de enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e social, que requer ações de luta em prol de construir um espaço comum de inclusão e respeito.

A pesquisadora Henriette Gomes (2019) corrobora esse pensamento e acrescenta que o protagonismo envolve uma tomada de posição diante dos obstáculos, em que as(os) agentes são ativos na sociedade, agindo e reagindo com e em relação ao outro. Nesse sentido, a autora considera que o protagonismo é social por ser “[...] uma conduta, uma postura, um modo de existência que envolve todas as esferas da vida humana, nas suas diversas dimensões, incluindo a dimensão cultural [...]”, uma vez que a cultura é uma produção humana, na qual o objeto informação está incluso (GOMES, 2019, p. 12).

De acordo Henriette Gomes (2019), o protagonismo social resulta da mediação consciente da informação e a impulsiona. Porém, para que a ação mediadora seja efetiva e propulsora do protagonismo social, é preciso que suas cinco dimensões - dialógica, ética, estética, formativa e política - sejam alcançadas, porque “[...] a tomada de posição frente a todo e qualquer problema é dependente da apropriação da informação pelos sujeitos sociais.”

³ O texto foi submetido, avaliado, aprovado e apresentado no XXII ENANCIB e apresenta alterações para a presente publicação.

Para a pesquisadora, o protagonismo social se efetiva em espaços críticos, de dialogia, criatividade e alteridade, para que as (os) agentes sociais compartilhem seus pensamentos e suas experiências de vida, por meio de um processo interacionista que possibilita o acesso, o uso e a apropriação das informações mediadas conscientemente nesses espaços (GOMES, 2017; 2019).

Nesse sentido, a informação é um elemento fundamental de transformação do conhecimento, que pode influenciar a mudança de mentalidades e redesenhar as relações de poder a respeito da construção social das desigualdades de gênero (SILVA, 2020; CÔRTEES; ALVES; SILVA, 2015).

Henriette Gomes (2019) considera que a (o) profissional da informação tem um papel fundamental, como mediadora(or) consciente e político, que pode/deve propiciar um espaço crítico, de debate e de respeito às diferenças, em que todas(os) possam ter espaço de voz e atuar como uma (um) protagonista social (GOMES, 2019). Portanto, para ser uma(um) protagonista social, é necessário ter consciência do papel da informação e de sua capacidade de ressignificar o que? Faltou complemento na frase

Na produção científica, o protagonismo social pode ser visualizado na posição de resistência e de enfrentamento a antagonismos por parte das (os) pesquisadoras(es) que, ao abordar determinadas questões sociais que as(os) inquietam, através do exercício da crítica, visam analisar e compreender problemáticas sociais, disseminando informações que, se foram apropriadas, podem gerar novos conhecimentos sobre o conteúdo informacional mediado conscientemente nos estudos.

Tomando como base o conceito de mediação da informação do pesquisador Oswaldo Almeida Júnior (2015) – toda ação de interferência realizada por uma(um) profissional da informação, visando à apropriação da informação para satisfazer às necessidades informacionais das(os) usuárias(os) e gere novos conflitos e novas necessidades, podemos afirmar que a produção científica, como um conhecimento compartilhado (informação), é uma forma de mediação consciente da informação, produzida intencionalmente com o propósito de visibilizar as mulheres e os estudos de gênero na CI.

Nesse sentido, concordamos Aurekelly Silva e Gisele Côrtes (2020), em cujo estudo ressaltam o poder que a informação tem na sociedade e que, por meio da produção científica, é possível contribuir para minimizar os efeitos causados pelas desigualdades sociais existentes e potencializar as resistências.

Neste sentido a mediação da informação pode “fornecer elementos que possibilitem a estruturação de ações culturais e informativas de natureza variada voltadas” as desigualdades de gênero e pela luta das igualdades sociais. (CAVALCANTE, 2022, p. 9).

Nesse contexto, os estudos de gênero são fundamentais, porque não só impactam diretamente a comunidade científica, como também contribuem para incluir socialmente as mulheres. O acesso à informação que desnaturaliza as opressões e desigualdades é fundamental para favorecer a autonomia e o protagonismo social das mulheres.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, exploratória e descritiva com abordagem qualitativa (MINAYO; SANCHES, 1993). Para analisar os dados, utilizou-se como técnica a cientometria, e para definir o objeto de estudo, fez-se um levantamento na plataforma da ANCIB e nos sites dos anais do ENANCIB dos artigos completos, pôsteres e resumos expandidos que continham os descritores ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave dos trabalhos, produzidos e apresentados entre os anos de 1994 e 2019. A busca resultou em 58 trabalhos recuperados que compuseram o corpus deste estudo.

Este artigo apresenta a produção científica sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ apresentada no ENANCIB de 1994 a 2019, com foco na quantidade de pesquisadoras(es) dos referidos trabalhos por gênero; nos GTs em que esses estudos foram apresentados; e na vinculação institucional das (os) autoras(es). Nesta última categoria, como critério de seleção, fizemos um recorte com as instituições que produziram cinco ou mais trabalhos devido ao limite de espaço que requer esta pesquisa. Para melhor organizar e apresentar os resultados, utilizamos como instrumento de apoio o *software Microsoft Excel*.

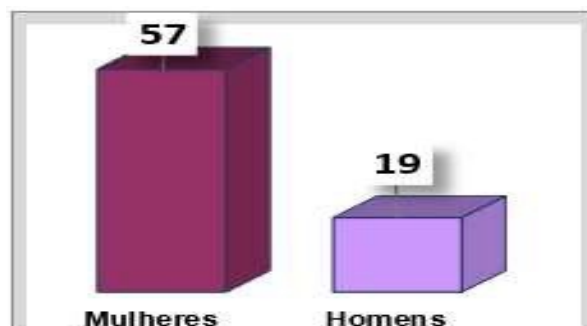
4 ANÁLISE E RESULTADOS

Por meio do levantamento e da análise dos dados, o estudo contabilizou 58 trabalhos que versam sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’, apresentados nos Grupos de Trabalho (GTs) dos ENANCIBs de 1994 a 2019. Esse resultado foi extraído de um universo de 4.508 trabalhos, que representam apenas 1% do total, o que evidencia a

escassez de estudos sobre os temas analisados apresentados no maior evento da CI no Brasil.

Verificamos que os trabalhos, corpus desta pesquisa, foram escritos por 76 pesquisadoras(es), individualmente e em coautoria. Dessas(es), 57 são mulheres e 19 são homens. Isso indica que a participação das mulheres nos trabalhos representa 75%, e os homens são responsáveis por 25% dessa produção, conforme mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1- Pesquisadoras(es) por gênero



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No Quadro 1, observa-se o período e o tempo em que os trabalhos foram apresentando crescimento. Nos primeiros anos do ENANCIB, de 1994 a 2010, foram publicados oito trabalhos e, na última década de 2010 a 2019, houve um crescimento significativo dos trabalhos sobre mulher, gênero e feminismo no ENANCIB, como reflexo das discussões e ativismo dos movimentos sociais feministas e das produções das mulheres na academia.

Quadro 1 – Quantidade de trabalhos por período

Período	Quantidade de trabalho
1994-2010	8
2011-2019	50

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

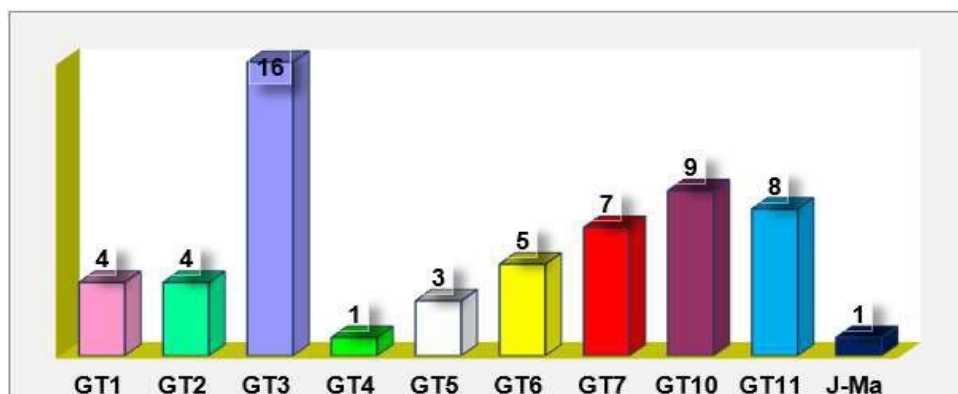
Esperamos que esse número de trabalhos continue crescendo e que, em novas edições do ENANCIB, pesquisas que versam sobre os referidos temas tenham ainda mais representatividade, e a CI passe a ser um espaço crítico, de diálogo e de voz sobre as questões de gênero, sob o prisma informacional, no campo científico e em em todas as

esferas sociais.

O ENANCIB possui grupos de trabalho em que são distribuídos, organizadamente, os principais temas abordados na CI. Isso possibilita às(aos) pesquisadoras(es) identificarem o GT que mais se aproxima de suas respectivas pesquisas e submeter os trabalhos para serem apresentados no evento.

Nesse sentido, consideramos pertinente conhecer os GTs em que as pesquisas sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ foram publicadas, conforme ilustra o Gráfico 2, abaixo, que apresenta a distribuição dos trabalhos por GTs durante as vinte edições do ENANCIB.

Gráfico 2 – Produção de trabalhos por GTs (1994 a 2019).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

***Nota explicativa:** J-Ma foi a forma de distribuir os trabalhos apresentados na quarta edição do ENANCIB em 2000.

De acordo com os dados expostos no Gráfico 2, os GTs 3, 7, 10 e 11 foram os que mais apresentaram trabalhos sobre os temas analisados neste estudo. Somados, os 4 GTs supracitados concentram 42 trabalhos, o que corresponde a 72% do total. Apesar de não ser possível saber se, e quantos trabalhos sobre os temas foram enviados para cada GT e não foram aceitos, com base no Gráfico 3, infere-se que alguns GTs parecem aderir mais aos temas analisados nesta pesquisa. Nesse aspecto, destacamos o protagonismo do GT3, uma vez que 27% das pesquisas foram apresentadas nesse grupo.

Esse resultado vai ao encontro dos achados das pesquisadoras Aurekelly Silva e Gisele Côrtes (2020), que, visando apresentar os estudos de gênero na CI e sua contribuição para a inclusão social das mulheres, por meio das produções do GT3, verificaram que, desde que foi criado em 2005, esse GT aparece como protagonista nas apresentações sobre gênero, mulheres e feminismo no maior evento da área da CI – o

ENANCIB.

As pesquisadoras Kariane Laurindo e Daniella Pizarro (2021) entendem que o protagonismo do GT3 se deve ao fato de ele compreender as relações entre mediação, circulação e apropriação da informação, abarcando os diferentes contextos ao qual a informação está vinculada. As autoras enunciam que o GT3 possibilitou debates sobre violência contra as mulheres, assim como a proposição de estratégias para o enfrentamento desse fenômeno.

Também verificaram que os trabalhos recuperados no referido GT evidenciam as lacunas e a necessidade de potencializar as pesquisas com foco nas mulheres negras no campo da CI, pois há que se considerar que existem marcadores sociais, tais como gênero, classe, raça/etnia, dentre outros que impactam diretamente as experiências de vida das nos diversos campos sociais.

Corroborar-se com o professor Carlos Alberto Araújo e a pesquisadora Eliane Rocha (2017) quando ressaltam que o GT3 tem sido, historicamente, um espaço privilegiado de discussões sobre as questões e as dimensões culturais, históricas, políticas e sociais dos fenômenos informacionais.

Assim, com base no que foi exposto, ressaltamos que é sobremaneira importante desenvolver pesquisas que tratem sobre mulheres, gênero e feminismo e abordem a interseccionalidade e os marcadores sociais de gênero, raça/etnia, classe social, orientação sexual e identidade de gênero, além de outros que estruturam a sociedade e devem ser contemplados em todos os GTs. Nesse sentido, destacamos a criação do GT12 - Informação, Estudos Étnico-raciais, Gênero e Diversidades, em 2021, aprovado na Assembleia Geral da ANCIB, como um avanço significativo para visibilizar e produzir trabalhos sobre esses temas no âmbito da CI.

A análise dos 58 trabalhos, corpus deste estudo, mostrou que as (os) autoras(es) das respectivas pesquisas são de 20 instituições diferentes. Algumas delas se destacaram por ter um número maior de estudos apresentados sobre 'mulheres', 'gênero' e 'feminismo', enquanto outras contribuíram de forma ainda tímida para inserir essas pesquisas no âmbito do evento mais representativo da CI brasileira.

Apresentamos, a seguir, as instituições a que as(os) pesquisadoras(es) dos trabalhos analisados nesta pesquisa estavam/estão vinculadas(os), assim como os títulos das pesquisas, os GTs em que foram apresentados e o ano de realização do ENANCIB. Destacamos o protagonismo social das(os) pesquisadoras(es) que produziram sobre os

temas, devido à sua intenção de visibilizar os problemas sobre os estudos de gênero na CI evidenciando as instituições que produziram acima de quatro trabalhos.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi representada por pesquisadoras (es) da CI, responsáveis por cinco pesquisas sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’, em cinco edições do ENANCIB, como demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Produções e pesquisadoras(es) da UFRJ.

Título do trabalho/ UFRJ	Autoria	GT	Ano
Gênero, capital cultural e desempenho escolar	Gilda Olinto	GT3	1995
Mulheres e jovens na liderança da pesquisa no Brasil: análise das bolsas de pesquisador do CNPq	Gilda Olinto	GT6	2003
Pensando as estatísticas públicas sobre carreiras educacionais na área de Ciência e Tecnologia, por gênero	Zuleica Lopes Cavalcanti de Oliveira	GT5	2005
Indicadores de gênero para a Sociedade do Conhecimento	Gilda Olinto	GT7	2006
Regime de Informação, Acesso à Informação e Direitos das Mulheres: um estudo das proposições em tramitação na Câmara dos Deputados do Brasil (2017)	Carla Maria Martellote Viola Marco André Feldman Schneider	GT5	2018

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De acordo com a Tabela 1, as(os) pesquisadoras(es) da UFRJ foram pioneiras(os) na inserção de trabalhos sobre esse tema no ENANCIB. A pesquisadora doutora Gilda Olinto foi a primeira autora a apresentar pesquisas sobre gênero, em 1995, no ENANCIB. Ela foi responsável por cinco trabalhos: três escritos individualmente e dois, em coautoria. Nesse contexto, há de se reconhecer o pioneirismo, o protagonismo social e a referência da professora Gilda Olinto na produção científica sobre gênero na CI. Sua pesquisa promove discussões na área sobre gênero e cultura; mulheres e liderança; indicadores de gênero; gênero e ciência. Segundo Doyle e Olinto (2021, p. 577) “os estudos de gênero também podem ajudar a construir uma visão mais crítica da informação”.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se destaca por ser uma das instituições com o maior quantitativo de pesquisas apresentadas no evento, como exhibe a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Produções e pesquisadoras(es) da UFMG.

Título do trabalho/ UFMG	Autoria	GT	Ano
O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries	Ligia Maria Moreira Dumont	J-Ma	2000
A busca de informação pela mulher em jornais impressos	Patrícia Espírito Santo Ligia Maria Moreira Dumont	GT3	2007
Os estudos de gênero na Ciência da Informação	Patrícia Espírito Santo	GT1	2008
Crianças com paralisia cerebral e percurso informacional de mulheres mães: estratégia e ações na defesa da cidadania	Alberth Sant'Ana Costa da Silva Alcenir Soares dos Reis	GT3	2010
As prostitutas e os anjos: os códigos informacionais utilizados na teatralização do corpo feminino na Playboy	Luiz Fernando Barros Campos	GT3	2011
O que informam as cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o caso do Estado de Minas	Patrícia Espírito Santo	GT3	2012
As relações de gênero e a profissão de bibliotecário: as razões do maior ingresso de homens num curso majoritariamente feminino	Hugo Avelar Cardoso Pires Ligia Maria Moreira Dumont	GT6	2014
O que informam as cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o caso do Le Monde	Patrícia Espírito Santo	GT3	2014
Relações de Gênero e Biblioteconomia: o que move o sexo masculino a ingressar em um curso majoritariamente feminino	Hugo Avelar Cardoso Pires Ligia Maria Moreira Dumont	GT6	2016
Informação simbólica e representações identitárias: confronto de sentidos nas narrativas que (in)formam as mulheres de noiva do cordeiro	Juliana Andrade Perdigão Fabrício José Nascimento da Silveira	GT3	2018

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A Tabela 2 mostra que as(os) pesquisadoras(es) da UFMG começaram a produzir e a apresentar trabalhos sobre os temas na quarta edição do ENANCIB, ou seja, no ano de 2000, e continuam trazendo para o evento estudos sobre mulheres, gênero e feminismo. Percebemos o protagonismo das pesquisadoras Lígia Maria Moreira Dumont e Patrícia Espírito Santo, que se destacam nas produções dessas pesquisas por terem estudos recorrentes sobre o assunto produzidas individualmente ou em coautoria.

Pesquisadoras(es) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também são protagonistas na inserção desses trabalhos no âmbito do ENANCIB. Com 12 trabalhos apresentados desde 2012, a instituição é responsável por um número crescente de estudos que abordam sobre mulher, gênero e feminismo e a única cuja as(os) pesquisadoras(es) publicam 3 (2016) e 3 (2019) trabalhos em um único evento, como mostra a Tabela 3.

Tabela 3 – Produções e pesquisadoras(es) da UFPB.

Título do trabalho/ UFPB	Autoria	GT	Ano
A informação étnico-racial na perspectiva da Organização de Mulheres Negras da Paraíba – Bamidelê	Leyde Klebia Rodrigues da Silva Edvaldo Carvalho Alves Jobson Francisco de Silva Júnior	GT3	2012
Mediação da Informação e Violência contra mulheres: disseminando a informação estatística no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes	Gisele Rocha Côrtes Edvaldo Carvalho Alves Leyde Klebia Rodrigues da Silva	GT3	2015
Memória de mulheres e o acesso à informação no enfrentamento à violência doméstica	Kaliandra de Oliveira Andrade Izabel França de Lima	GT10	2015
Memórias de enfrentamento à violência doméstica e familiar: acesso e uso da informação como dispositivo de empoderamento	Kaliandra de Oliveira Andrade Izabel França de Lima	GT10	2016
Apropriação, Disseminação e Democratização da Informação Étnico-racial na Organização de Mulheres Negras da Paraíba – BAMIDELÊ	Leyde Klebia Rodrigues da Silva Mirian de Albuquerque Aquino Edvaldo Carvalho Alves Gisele Rocha Côrtes	GT3	2016
BAMIDELÊ: preservando a informação étnico-racial para o fortalecimento da memória cultural das mulheres negras da Paraíba	Leyde Klebia Rodrigues da Silva Mirian de Albuquerque Aquino Gisele Rocha Côrtes Edvaldo Carvalho Alves	GT10	2016
A Representação Colaborativa da Informação e a Construção de Linguagens documentárias sobre Diversidade de Gênero: análise das construções do dicionário de gêneros – “só quem sente pode definir”	Gisele Rocha Côrtes Raimunda Fernanda dos Santos Laelson Felipe da Silva Dulce Amélia de Brito Neves	GT2	2017
Os processos memoriais das mulheres rendeiras de Camalaú/PB a partir da técnica da renda renascença	Geysa Flávia C. de L. Nascimento Carlos Xavier de Azevedo Netto	GT10	2018
Práticas Informacionais: o perfil de mulheres transexuais e travestis do Espaço LGBT	Laelson Felipe da Silva Gisele Rocha Côrtes	GT3	2018
Protagonismo das mulheres usuárias da Casa Abrigo: asas da informação	Aurekelly Rodrigues da Silva Gisele Rocha Côrtes	GT3	2019
Redes de informação e violência doméstica e familiar contra as mulheres: conexões e laços conceituais	Kaliandra de Oliveira Andrade Alzira Karla Araújo da Silva Joana Coeli Ribeiro Garcia Gisele Rocha Côrtes	GT4	2019
Memória e feminismo: movimento HeForShe nas IFEs públicas do Brasil	Anna Raquel de Lemos Viana Izabel França de Lima	GT10	2019

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os dados expostos na Tabela 3 indicam que, na UFPB, a pesquisadora Gisele Rocha Côrtes é uma das que se destaca no rol de produções científicas sobre mulheres, gênero e feminismo, pois participou de oito trabalhos apresentados em cinco edições do ENANCIB, produzidos em parceria com professoras(es) e orientandas(os). A autora vem delineando estudos atinentes às questões de gênero que abordam sobre relações de gênero em interface com a mediação da informação, sobretudo sob o prisma da violência contra mulheres. Os(as) pesquisadores(as) Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Edvaldo Carvalho Alves e Jobson Francisco de Silva Júnior apresentaram, em 2012, pesquisa na perspectiva informação étnico-racial, com foco na ONG Bamidelê. A professora Leyde Klebia

desenvolve pesquisas na perspectiva da informação étnico-racial, com foco nas mulheres negras. Os GTs que a pesquisadora tem publicado são GT3 (3) e GT10 (1).

A Profa. Dra. Izabel França de Lima, e Dra. Kaliandra de Oliveira Andrade também abordam os temas, cada uma com três trabalhos no ENANCIB.

Ainda na UFPB, convém ressaltar os trabalhos da pesquisadora Mirian de Albuquerque Aquino, que é predecessora dos estudos sobre questões étnico-raciais no ENANCIB e na Ciência da Informação. Sua produção resultou em muitas pesquisas na área e deixou seu rastro científico na realização de diversos feitos científicos. Configura-se como significativa referência e inspiração para as (os) pesquisadoras(es) da Ciência da Informação. Leyde Klebia Silva (2020, p. 178) enuncia que “[...] a professora Mirian Aquino possui um vasto acervo de produções, orientações acadêmicas entre graduação, mestrado e doutorado e de outras naturezas. Além de muitos trabalhos em grupos de pesquisa orientados e voltados para a temática de relações raciais, gênero e diversidade [...]”.

A Universidade de São Paulo (USP) foi representada por pesquisadoras(es) da CI que apresentaram cinco estudos atinentes a mulheres, gênero e feminismo em quatro edições do ENANCIB, como explana a Tabela 4 abaixo.

Tabela 4 – Produções e pesquisadoras(es) da USP.

Título do trabalho/ USP	Autoria	GT	Ano
O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero	Giulia Crippa	GT3	2011
Mediações literárias da Ciência da Informação: representações e narrativas de gênero	Giulia Crippa	GT3	2012
Unidades de informação sobre mulheres: constituição e consolidação	Mariana Xavier Nair Yumiko Kobashi	GT10	2018
Estudos sobre mulheres na Ciência da Informação	Mariana Xavier Nair Yumiko Kobashi	GT1	2019
A Ciência da Informação pela perspectiva feminista	Iraci Oliveira Rodrigues Marivalde Moacir Francelin	GT1	2019

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A pesquisadora Profa. Dra. Giulia Crippa foi a primeira pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) que apresentou estudos de gênero no ENANCIB. Ela produziu, individualmente, pesquisas em 2011 e 2012, cujos conteúdos abordados foram os seguintes: mediação da informação, relações de gênero e narrativas de gênero. Giulia Crippa é autora do livro “Poéticas da informação: representações artísticas e literárias de livros, bibliotecas e de seus protagonistas”, publicado em 2014. No sexto capítulo da obra,

a pesquisadora trabalha com a temática de gênero, no qual faz um mapeamento sobre as mulheres como protagonistas na produção e circulação de saberes institucionalizados no âmbito das bibliotecas.

As autoras Mariana Xavier e a Profa. Dra. Nair Yumiko Kobashi trabalharam em parceria e com os dois estudos sobre os temas mulheres, gênero e feminismo no ENANCIB.

As(Os) pesquisadoras(es) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) foram responsáveis por quatro trabalhos apresentados e discutidos no âmbito do GT11 de quatro edições do ENANCIB, como mostram os dados da Tabela 5 abaixo.

Tabela 5 – Produções e pesquisadoras(es) da FIOCRUZ.

Título do trabalho/ FIOCRUZ	Autoria	GT	Ano
Gênero e Gestão em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde: um olhar exploratório na Fiocruz	Jeorgina Gentil Rodrigues Maria Cristina Soares Guimarães	GT11	2012
Gênero, Ciência, Tecnologia e Saúde: um olhar exploratório a partir do acervo de obras raras da Biblioteca de Ciências Biomédicas da Fundação Oswaldo Cruz	Jeorgina Gentil Rodrigues	GT11	2013
A participação feminina no esforço de pesquisa realizado na Fundação Oswaldo Cruz	Jeorgina Gentil Rodrigues Maria Cristina Soares Guimarães	GT11	2015
Gênero e Produção Científica: um panorama sobre pessoas transgêneras	Érica Gomes Rodrigues Cícera Henrique da Silva Inesita Soares de Araújo	GT11	2017

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na Tabela 5, apresenta-se o protagonismo social das mulheres na produção das quatro pesquisas, sobretudo da professora Jeorgina Gentil Rodrigues, que foi responsável por três desses trabalhos sobre gênero, mulheres e ciência.

Na Tabela 6, a seguir, estão expostas as pesquisas realizadas por pesquisadoras(es) de instituições diferentes que trabalharam em parceria, por meio do trabalho colaborativo, o que contribuiu para ampliar os conhecimentos sobre os temas analisados.

Tabela 6 – Produções resultantes de parcerias entre pesquisadoras(es) de instituições diferentes.

Instituição	Título do trabalho	Autoria	GT	Ano
IBICT/ UFRJ/ UFMA/	Gênero, Ciência e Contexto Regional: reflexões sobre resultados acadêmicos da pós-graduação no Brasil	Elinielle Pinto Borges Gilda Olinto Jacqueline Leta	GT 7	2014
	De que saúde estamos falando? Um estudo sobre regime de informação, estado e mulher	Carla Maria Martellote Viola Nathália Lima Romeiro Silvana Maria de Jesus Vetter	G11	2018
	Violência obstétrica e os dados sobre mortalidade materna no Brasil: percepções sobre direitos das mulheres à saúde e ao acesso à informação	Carla Maria Martellote Viola Silvana Maria de Jesus Vetter	G11	2019
IBICT/UFRJ/	Diferenças de gênero no uso das Tecnologias da Informação e da	Aline Gonçalves da Silva Gilda Olinto	GT 6	2015

FIOCRUZ	Comunicação: um estudo na Biblioteca Parque de Manguinhos			
UFMG/UNESP/UFSC/UFPE	A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD	Franciéle C. Garcês da Silva Ana Paula Meneses Alves Graziela dos Santos Lima Dirnele Carneiro Garcez Andreia Sousa da Silva Priscila Rufino Frevier	GT 11	2019
UNESP/UFF/CEDERJ	Bases na Representação do Conhecimento: uma análise da questão feminina em linguagens documentais brasileiras	Suellen Oliveira Milani José Chaves Guimarães	GT 2	2011
UNESP/IFMS	Feminismo e Estudos de Gênero: uma abordagem bibliométrica	Gislaine I. de M. Silva Ely Francina T. de Oliveira	GT 7	2017
UNESP/UFPA/UNB	Análise da produção científica sobre gênero na Ciência da Informação	Ester Ferreira da Silva Cristian Berrío Zapata Hamilton Vieira de Oliveira	GT 6	2019
UNESP/UNICAMP/UFPE	Tipologias e Classificações: um estudo sobre as temáticas de gênero e sexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM)	Francisco Arrais Nascimento Francisco F. Leite Junior Fabio Assis Pinho	GT 11	2015

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A Tabela 6 mostra que sete parcerias foram feitas entre pesquisadoras(es) da CI que resultaram em nove estudos produzidos e apresentados em seis edições do ENANCIB. Esse trabalho colaborativo envolveu 15 instituições, dentre elas, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) se destaca, por apresentar um trabalho realizado com pesquisadoras(es) próprios e quatro em coautoria com pesquisadoras(es) de outras instituições. A partir dos resultados obtidos nessa variável, concordamos com as/os pesquisadoras/es Gisele Côrtes, Edvaldo Alves e Leyde Klébia Silva (2015), ao destacarem a importância de estreitar o diálogo entre autoras(es) de Instituições diferentes na produção dos trabalhos, pois, por meio da colaboração científica, é possível unir esforços intelectuais e fortalecer a mediação, a circulação e a apropriação da informação no tocante ao protagonismo das mulheres na Ciência. Dos 58 trabalhos analisados neste estudo, 45 foram ilustrados nas tabelas apresentadas anteriormente, porque foram representados por pesquisadoras(es) de instituições com produções mais recorrentes.

As(os) pesquisadoras(es) e Instituições que aparecem com menos de quatro pesquisas sobre os temas foram: a Universidade Federal de Brasília (UNB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-

MG). Importante destacar que pesquisadoras(es) das demais instituições que não aparecem no corpus desta pesquisa podem estar produzindo sobre os temas em outros eventos, seminários ou revistas científicas.

Os dados expostos nas tabelas acima também mostram o protagonismo social das mulheres que, durante as vinte edições do ENANCIB, produziram ciência e apresentaram, no maior evento da área, estudos sobre mulheres, gênero e feminismo com diferentes perspectivas. Essas pesquisadoras participaram da produção de 48 trabalhos, o que representa 71% do total de 58 produzidos por mulheres. Em apenas dez 10 estudos (29%), pelo menos uma delas não aparece. Isso mostra que há um contínuo interesse dessas pesquisadoras pelos termos analisados.

A produção científica sobre os temas é realizada de forma significativa por mulheres. No entanto, é importante destacar a atuação dos homens nessa produção, porque, apesar de ser de forma muito incipiente, os autores que se dedicaram ao assunto são fundamentais para mostrar que esses estudos podem/devem ser discutidos pelas (os) pesquisadoras(es) da área. Há uma necessidade de desmistificar a cultura de que as questões de gênero só interessam às mulheres, principalmente no âmbito de uma área cujo objeto - a informação - é um elemento fundamental para mudar mentalidades. Além disso, reconhecemos o protagonismo social das mulheres que produzem sobre esses temas, porque levam para o maior evento da área suas inquietações, através da produção científica, que geram debates nos GTs e possibilitam o exercício da crítica entre os pares.

As pesquisadoras Luciano, Côrtes, Cardone, Cardoso e Martins (2022, p. 4), consideram que:

A produção científica sobre mulheres, gênero e feminismo é uma mediação consciente da informação, porquanto lança luz para as mulheres como produtoras de informação e explicitam suas resistências contra as interdições sociais, simbólicas e culturais para que participem igualmente do campo científico, (re)significando os cânones hegemônicos da ciência moderna assentados no androcentrismo e no racismo.

O ENANCIB é um espaço dialógico em que, por meio da mediação consciente da informação, as(aos) agentes envolvidas (os) podem expor seus pensamentos, refletir sobre suas ações no mundo e agir como agentes transformadoras(es) da realidade (SILVA, 2020). Ao apresentar seus estudos, as mulheres podem (re) significar conceitos e pensamentos estabelecidos à medida que as pessoas vão se apropriando das informações mediadas, o que contribui para o protagonismo social. Além disso, esses estudos visibilizam a atividade científica das mulheres.

Entendemos o protagonismo social como o ato de enfrentar os sistemas existentes na luta pelos direitos sociais. Nesse caso, os direitos sociais das mulheres (GOMES; CÔRTEES, 2020). Assim, quando uma(um) pesquisadora(r) desenvolve estudos sobre mulher, gênero e feminismo, está contribuindo, por meio dos conteúdos informacionais, para fortalecer as lutas e enfrentar as desigualdades com que as mulheres brasileiras se deparam cotidianamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou compreender como a CI tem trabalhado os aspectos relacionados à mulher, ao gênero e ao feminismo, por meio das pesquisas publicadas no ENANCIB, visibilizar o protagonismo social das mulheres na produção científica do evento e quais as instituições que estão produzindo sobre o tema. Apesar de os estudos ainda serem tímidos, nota-se que houve um crescimento na última década.

Em relação ao mapeamento das(os) pesquisadoras(es) e seu vínculo institucional e aos GTs em que as pesquisas foram apresentadas, assim como trabalhos produzidos sobre o tema 'mulher', 'gênero' e 'feminismo' nos anais do ENANCIB, esta pesquisa mostrou que o protagonismo social das mulheres pesquisadoras sobre os termos analisados existe. Isso se justifica porque, dos(as) 76 autoras(es) que escreveram sobre os termos, 57 são mulheres. Verifica-se também que o termo 'feminismo' ainda é pouco estudado nas pesquisas, razão por que é necessário produzir sobre o tema, porque as práxis de mulheres feministas são e foram fundamentais para a presença das mulheres na ciência, assim como para suas conquistas em diferentes âmbitos sociais.

É importante ressaltar que este trabalho teve como cerne os estudos realizados sobre a produção científica das pesquisadoras(es) referente aos termos 'mulher, gênero e feminismo' e um olhar sobre as instituições, as(os) pesquisadoras(es) e os grupos em que os trabalhos foram apresentados. Como protagonistas sociais conscientes, as(os) pesquisadoras(es) demonstraram, em seus trabalhos, que são conscientes da importância de visibilizar e produzir sobre esse assunto para que, por meio da mediação da informação, as(os) próprias(os) pesquisadoras(es) possam aprofundar suas inquietações e seus conhecimentos e contribuir para que mulheres e homens possam se apropriar dos conhecimentos gerados e potencializar a práxis a respeito da subversão das desigualdades de gênero. É indispensável alocar que, na CI brasileira, existem

pesquisadoras(es) que produzem sobre o tema em outras bases de dados, eventos, periódicos científicos, livros etc. Os dados apresentados acima mostram unicamente o mapeamento dos trabalhos apresentados no ENANCIB.

Sendo assim, entende-se que o protagonismo social das mulheres que discutiram sobre as relações e as diferenças de gênero nos anais do ENANCIB existiu e existe. Por isso, é de suma importância que essas(es) pesquisadoras(es) deem continuidade às discussões sobre os termos e que outros(as) também se engajem, uma vez que a informação é um elemento essencial nesse processo de desconstrução social de esquemas dominantes de gênero.

É importante ressaltar que este trabalho teve como cerne os estudos realizados sobre os termos 'mulher, gênero e feminismo' e um olhar sobre as pesquisadoras que realizaram pesquisas recorrentes sobre eles. Como protagonistas sociais conscientes, as pesquisadoras demonstraram, em seus trabalhos, que são convictas da importância desses temas para que, por meio da informação, outras mulheres tenham acesso às informações, se apropriar delas e formar um senso crítico a respeito das desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; ROCHA, Eliane C. F. Panorama da produção do GT-3 da Ancib: autores, referências e temáticas (2005-2016). *In*: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 18., 2017. Marília. **Anais [...]**. Marília-SP: UNESP, 2017.

CAVALCANTE, Luciane de Fátima B. A violência contra a mulher sob o olhar da mediação cultural da informação: análise da exposição "retratos relatos". **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/202596>. Acesso em: 19 maio 2023.

CÔRTEES, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no centro estadual de referência da Mulher Fátima Lopes. *In*: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 16., 2015. João Pessoa-PB. **Anais [...]**. João Pessoa-PB: UFPB, 2015.

CRIPPA, G. O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119412>. Acesso em: 22 maio 2023.

DOYLE, Andreia; OLINTO, Gilda. Práticas de ensino críticas de competência em informação, mídias e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero. **Informação & Informação**, v. 26, n. 4, 2021.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019.

GOMES, Henriette Ferreira; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Mediação consciente da informação e protagonismo social das mulheres: as práticas informacionais das teorias críticas feministas. *In: ALVES, Edvaldo Carvalho et al (org.). Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa.* João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 400 p.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**, v. 93, n. 1, 1993.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193-210, 2015.

LAURINDO, Kariane R.; PIZARRO, Daniella. Mulheres negras vítimas de violência: a visibilidade dada sobre a temática na Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 4, p. 1-20, set./dez., 2021.

LUCIANO, Maria Cristiana F.; CORTES, Gisele R.; CARDONE, Rebeca K.; CARDOSO, Vanessa N.; MARTINS, Gracy K. Mediação consciente da informação no encontro nacional de pesquisa em ciência da informação: o uso dos termos "mulheres", "gênero" e "feminismo" nas pesquisas publicadas no período de 1994 a 2019. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/202603>. Acesso em: 19 maio 2023.

MINAYO, Maria C. S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de Ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, 2011.
OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de; BUFREM, Leilah Santiago. Visibilidade da mulher como fonte de informação: mapeamento das produções científicas apresentadas no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (2009 – 2018). *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: BRAPCI, 2019.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Orgs.). Informação e protagonismo social.* Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Ensaio Geral**, v. 2, n. 1, 2009.

SILVA, Aurekelly Rodrigues; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Relações de gênero, ciência da informação e inclusão social. *In: LIMA, Izabel F. de; FRANÇA, Fabiana da Silva (orgs.). Informação e Inclusão: constructo teórico prático na pós-modernidade.* Campina Grande: eduepb, 2020. 391 p.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação.** Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha. 2020. 256 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

SILVA, Joselina da; EUCLIDES, Maria Simone. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). **Educar em Revista**, v. 34, n. 70, p. 51-66, 2018.

Agradecimentos: (*in memoriam*)

Nossos agradecimentos especiais para a professora de Português Rejane Araújo, que realizou, em tantos momentos, correções de nossos trabalhos, incluindo a versão deste texto encaminhada para o ENANCIB 2022. Nosso muito obrigada!